

The background of the cover is a solid orange color. Overlaid on this are faint, light-colored line drawings of archaeological site plans. These plans show various structures, walls, and courtyards, typical of ancient or medieval settlements. A prominent white curved line, resembling a stylized 'C' or a section of a circle, cuts across the middle of the page, separating the title area from the lower part of the cover.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A IGREJA DO CARMO DE LISBOA: UM EXEMPLO DE ARQUEOLOGIA VERTICAL COM 600 ANOS

Célia Nunes Pereira¹

RESUMO

A História e História da Arte revelam-nos a essência que revestia este templo¹, e as suas práticas rituais e culturais, mas a sua leitura efectiva só pode ser feita recorrendo à Arqueologia, no âmbito das cotas positivas. Neste sentido, iremos percorrer algumas das suas diversas “camadas”, individualizando-as, de modo a que o seu entendimento seja integrado nas diferentes épocas de que fez parte ao longo dos 600 anos.

Palavras-chave: Arquitectura; Arqueologia; Carmo; Património; História da Arte.

ABSTRACT

The History and History of Art reveal to us the essence that covered this temple, and its ritual and cultural practices, but its effective reading can only be done by resorting to Archeology. In this sense, we will go through some of its different “layers”, individualizing them, so that its understanding is integrated in the different times of which it was a part over the 600 years.

Keywords: Carmo; Architectura; Archeology; Patrimony; History of Art.

1. INTROÍTO

Partindo da investigação que tenho vindo a fazer nos últimos anos relativa à igreja do Carmo de Lisboa (1389) e seu acervo artístico – após uma primeira etapa, cujos conteúdos foram publicados em 2016, pela AAP/MAC – em várias bibliotecas e arquivos, colecções públicas e privadas, a comunicação que pretendo apresentar neste congresso, tem como objectivo evocar as várias fontes de subsistência, vivências e mudanças a que o edifício da antiga igreja do Carmo de Lisboa foi sujeito desde o final da sua construção (1423) até à actualidade, celebrando este ano seis séculos de existência. Por mais que a História e a História da Arte nos revelem a essência que revestia este templo e seu cenóbio² (património móvel), e as suas práticas rituais e culturais (património imaterial), a sua leitura efectiva não pode ser feita sem

recorrermos à disciplina de Arqueologia, no âmbito das cotas positivas. Neste sentido, procurarei dar a conhecer algumas das diversas “camadas” que constituem este monumento nacional, bem como as vicissitudes que lhe estiveram subjacentes, individualizando-as, de modo a que o seu entendimento seja integrado nas diferentes épocas de que fez parte. O presente artigo é apenas mais um contributo para o estudo que se encontra em curso, cujos resultados pretendo apresentar em breve no âmbito da minha tese de doutoramento.

2. PRIMEIROS ANOS DE VIDA. GÉNESE E AFIRMAÇÃO

Como bem testemunha frei Manuel de Sá, no seu manuscrito *Noticias do Real Convento do Carmo de Lisboa Ocidental extraídas de vários livros impressos*, e

1. Associação dos Arqueólogos Portugueses / Museu Arqueológico do Carmo / macconservadora@arqueologos.pt

2. PEREIRA, Célia Nunes, *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)*, vols. I e II, Associação dos Arqueólogos Portugueses / Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa, 2016.

*manuscritos, reduzidas a forma histórica pelo Presentado Frei Manoel de Sá no ano de 1721*³, foi «Na Batalha de Aljubarrota [que] se fizerão varios votos como refere Manoel de Faria e Souza, o do Grande Condestavel o Senhor D. Nuno Alvarez Pereira como afirmão o Reverendissimo Padre Mestre Lezana, e o Reverendo Jorge Cardozo, foi que faria a Maria Santissima Senhora Nossa hum Convento que lhe fosse dedicado, e donde fosse servida, e venerada⁴ (...)». A crónica gótica de D. Nuno Álvares Pereira⁵ diz-nos que «se resolveo a desempenhar-se do voto, e impetrando licença do Pontifice Urbano 6º em 8 de Dezembro de 1386 por hum Breve que principia: Pii Fidelium votis etc.»

Porém as obras só viriam a começar cerca de três anos mais tarde: «(...) segundo a melhor conjectura, foi no ano de 1388 athe 1389 porque em 1390 em que ja governava a Igreja de Deus Bonifacio nono, e este Reino o Senhor Rei D. João o 1º vierão do Convento de Moura, para assistirem a fundação deste os primeiros religiosos, os quaes forão o Padre Doutor Frei Afonso Leitão, *alias* de Alfama, que era Vigario Geral, o Padre Doutor Frei Gomes de Santa Maria, que foi o primeiro Prior que este Convento teve, e depois Bispo Eborence, e Vigario Geral do Carmo nesse Reino os Padres Frei Luis de Serpa, Frei Gonçalo, Frei Vasco, Frei João do Spirito Santo, Frei Alvaro, Frei João de Guimarães, Frei João de Talaveira, e Frei João Gonçalves, todos religiosos mui scientes, e reformados»⁶. Continuando a citar a mesma fonte, sabemos que «(...) foi a obra continuando, e os religiosos em fazer a vontade ao dito senhor athe que no ano de 1442 da era de Cezar, e 1404 da de Christo em

28 de Julho em a Vila de Almada por escritura feita pelo Tabalião Martim Vicente, doou ao Convento, que se hia fazendo (...) as fazendas, que constão da mesma escritura, e nela declara que tinha licença do Senhor Rei D. João para poder doar os taes bens, ao Convento de Santa Maria que ele mandava fazer, não obstante as leis, e ordenações, de seos antecessores, expresando-as todas e anulando-as, para que a tal doação tenha maior força, e vigor, e esta licença he por huma carta assignada pelo mesmo Monarcha, e selada com selo pendente, feita em Lixboa a 10 de Julho por Henrique de Lixboa na era de Cezar de 1442 que he da de Christo de 1404.»⁷

Ou seja, 1404 é a data em que o condestável faz a primeira doação de alguns dos seus bens à Ordem Carmelita, de modo a dotá-los de sustento próprio, indispensável para a prosperidade da dita ordem religiosa na sua nova casa-mãe, que foi transferida de Moura para Lisboa. Ainda no mesmo ano «Na vila da Almada em 27 de Setembro (...), por procuração feita pelo Tabalião Vasco Lourenço instituiu o Senhor Condestavel Procurador Bastante, a Gil Airas Escrivão da sua Puridade para meter de posse o Convento dos bens doados, e porque ele rezervou a administração para si (...)»⁸ tornando-se «(...) perpetuo administrador em sua vida, não só das rendas do seu Convento de Lixboa, mas das do de Moura e nela mandarão a todos os religiosos com graves penas, que em tudo obedecessem ao dito Senhor como a seo Prelado, esta Patente se conserva a propria, no Archivo do Convento do Carmo, e principia: *Frei Afonsus de Alfama sacrae paginae Doctor etc.* fas dela menção o Reverendo Jorge Cardozo, e da doação proxima que confirma a primeira. »⁹ A dita “próxima” doação, assinala também o final da construção, visto que, como refere Frei Manuel de Sá: «Acabada a Igreja em cuja fabrica se gastarao 33 para 34 anos¹⁰, andando sempre trabalhando muita gente, a Sanchristia, o Refeitório, e parte do Dormitorio, entendendo os religiosos que o Senhor Condestavel

3. SÁ, Frei Manuel de, *Noticias do Real Convento do Carmo de Lisboa Ocidental extraídas de vários livros impressos, e manuscritos, reduzidas a forma histórica pelo Presentado Frei Manoel de Sá no ano de 1721*, Biblioteca Nacional de Portugal: BNP IL. 238; Edição fac-símile publicada em PEREIRA, Célia Nunes, *Op. cit.*, vol. II, Lisboa, 2016.

4. Transcrição paleográfica original de Célia Nunes Pereira. Correção e adequação às normas de transcrição para a edição de textos, de acordo com o Tipo 2, elaborada por Lina M. Oliveira. PEREIRA, Célia Nunes, *Op. cit.*, vol. I, Lisboa, 2016, pp. 119-185.

5. *Coronica do Condeftabre de Purtugal: Principiador da Cafá q[ue] agora he do Duque de Braga[n]ça sem mudar da antiguidade de fuas palauras nem fstito. E Deste Condeftabre procede agora o Emperadorr em todosos Reynos (...)*, Lisboa, 1526.

6. PEREIRA, Célia Nunes, *Op. cit.*, vol. I, Lisboa, 2016, pp. 119-185.

7. PEREIRA, Célia Nunes, *Op. cit.*, vol. II, Lisboa, 2016, p. 130.

8. Idem, *Ibidem*, p. 130.

9. Idem, *Ibidem*, p. 132.

10. Tendo em conta que a data de início da construção que nos é dada pelo frei Manuel de Sá é a de 1389, se lhe somarmos 34 anos, achamos a data do seu término: 1423.

queria se fizesse Capitulo, para nele fazer doação do Convento recorrerão logo ao Reverendissimo Padre Geral da Ordem Mestre Frei João Gros, para que mandasse as ordens nescessarias asim para a celebração do Capitulo como para aceitação das doações (...).»¹¹ Após se estabelecer «(...) o [que era] preciso para o governo da nova Provincia em o ultimo dia do Capitulo 23 do mesmo mes e ano [Julho de 1423], juntos os gremiaes, e os mais religiosos, fes o Senhor Condestavel doação do Convento a Ordem do Carmo, com as rendas que ja lhe tinha dotado.»¹² Acrescenta ainda, «Feita a doação, e aceita a Patente, estando o Senhor Condestavel recolhido no seu Convento se rezolveo a tomar o nosso santo habito em 15 de Agosto de 1423 o qual recebeo das maos do novo Provincial o Muito Reverendo Padre

11. Idem, *Ibidem*, p. 131.

12. Segundo as seguintes cláusulas: «As condições da doação forão, que deputarão sinco religiosos dos melhores, para que todos os dias hum cantasse missa, e dous a dissessem pela sua alma; e os outros dois, que dicessem pelas almas do seu pai, e mai. A 2ª condição foi que acontecendo que em vida dele dito Senhor Condestavel, o que Deus não permitisse, que no dito Mosteiro estivessem, ou a ele viessem alguns frades que bem não vivessem, ou ouvessem outras condições que ele por serviço de Deus, e da Virgem Maria sua mai, entendesse que não compria de estarem no dito Mosteiro, quer fossem Prelados, ou graduados, em sciencia, ou outro qualquer estado, que ele os poderia logo lançar fora dele, se quizesse sem authoridade do Geral nem de outro Prelado algum, e poderia tomar outros frades da dita Ordem quaesquer que por serviço de Deus, e da Virgem Maria sua mai a ele parecesse, para morarem no dito Convento. A 3ª condição foi que ele dito Condestavel averia em sua vida, a administração de todas as rendas do dito Mosteiro, das quaes se não despenderia, nem faria couza alguma, senão por seo mandado, e conselho, para se haverem de dispende na fabrica do dito Mosteiro, Igreja, Claustro, e maes cazas dele, e mantimento, e vistuario dos frades, e no que maes fosse necessario, para augmento, e conservação sua, e no que ele maes entendesse, por serviço de Deus, e da Virgem Santa Maria e bem a pol do dito Mosteiro e fraires dele. A 4ª que ele dito Conde em seos dias possa estar, e esteja com seos companheiros que comsigo tem, e tiver em serviço de Deus, naquelas cazas, e cameras, que ele mandou fazer no dito Mosteiro, em que ora esta sem nenhuma contradição, nem embargo que sobre isso lhe seja posto; todo o referido consta por escritura feita em Lixboa pelo Tabalião Gomes Martins o moço em 28 do mesmo ano, e de tudo pedio o Senhor Condestavel hum instrumento.» In, Idem, *Ibidem*, vol. I, Lisboa, 2016, pp. 131-132.

13. Idem, *Ibidem*, vol. I, Lisboa, 2016, p. 131.

Doutor Frei Afonso de Alfama, não para o estado sacerdotal, por sua grande humildade, senão para Donato, ou *simi frater*; sendo de idade 62 anos como dizem os Muito Reverendos Padres Mestre Frei Simão Coelho, e Frei Pedro da Crus Zuzarte; Manoel de Faria de Souza, e o Reverendo Jorge Cardozo, se bem que este alegando os apontamentos que deixou dos Reis de Portugal, Gil Fernandes, Mestre- escola de Coimbra, e o Muito Reverendo Padre Frei Daniel da Virgem Maria que o tresladou, do nosso vulgar em latim, dizem que tomou o habito, em o ano antecedente, de 1422 que parese foi erro da impressão, porque fazendo menção na pagina 214 da escritura da doação, e da Patente, e sendo a 4ª condição aquela que o dexem estar no Convento, e aseverando a verdade em que huma, e outra couza he de Julho de 1423, parese que não havia de dizer na pagina 216 que no ano antecedente tinha tomado o habito, porque sendo a escritura despoes, [esclarece que] era escuzada a clauzula referida da 4ª condição como se pode ver no fim do numero setimo»¹⁴. E só «No ano de 1425 no Capitulo Geral que se celebrou em a Provincia de Toloza foi reconhecida por Provincia de Portugal, e admetida a gozar todos os privilegios, e izenções, que erão concedidas as mais Provincias como afirma o Reverendissimo Padre Mestre Lezana.»¹⁵ Baseando-nos em todas esta informação coligida por Frei Manuel de Sá – que além dos cargos que terá desempenhado dentro da Ordem carmelita, foi também examinador das três Ordens Militares, qualificador do Santo Ofício, Consultor da Bula da Cruzada e membros da Real Academia de História – quisemos aqui comprovar que não há grande margem para dúvidas em relação à data de término da obra do Condestável, em 1423, nem às doações que este fez à Ordem carmelita, permitindo-nos estabelecer esse ano e o período de “33 para 34 anos” que o antecede, com a época em que foi construída a arquitectura original do templo. Aliás bem assinada, não apenas pela unidade estilística gótica dislinguida por Paulo Pereira¹⁶, mas também pela assi-

14. Idem, *Ibidem*, vol. I, Lisboa, 2016, p. 132.

15. Idem, *Ibidem*, vol. I, Lisboa, 2016, p. 133.

16. PEREIRA, Paulo, «A Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo», in *Construindo a Memória, Coleções do Museu Arqueológico do Carmo* (Coord. José Arnaud e Carla V. Fernandes), AAP/MAC, Lisboa, 2005, pp. 21-39.

natura do suposto *mestre da obra do Conde*¹⁷, Gomez Martins, que se encontra em várias componentes arquitectónicas importantes do edifício.

3. UMA HERANÇA A MANTER E AMPLIAR

Os séculos que se seguiram – sobretudo a partir da segunda metade do século XV em diante – continuam a ser a faixa temporal mais nebulosa com que nos temos deparado durante esta investigação, porque a documentação remanescente produzida durante esses três séculos subsequentes à época da fundação, aponta sobretudo para o engrandecimento artístico dos interiores do templo e seu convento, através de doações, mercês e privilégios que lhe eram oferecidos (ou mantidos pelas famílias proprietárias das capelas através de morgadios) pelos seus nobres mecenas, monarquia e papado¹⁸ ou adquiridos pela própria comunidade carmelita, como atestaremos um pouco mais adiante neste artigo. No que confere à documentação e acervo móvel, boa

17. Referido no documento de escambo entre o Almirante Pessanha e o seu cunhado D. Nuno Álvares Pereira, a propósito dos terrenos a sul da igreja, onde se ergueram os botaréis. Cfr. Idem, *Ibidem*, p. 27.

18. «Paulo 5º mandou expedir dous Breves a instancia de Frei Jorge Godines Procurador deste Convento na Curia Romana para se poderem tirar reliquias de Roma para o dito Convento de Lixboa. O primeiro em 15 de Setembro de 1606 2º ano de seu Pontificado; e o 2º em 24 de Janeiro 1611 6º ano do seu Pontificado; e por 6 certidões authenticas consta das Sanctas Reliquias, que em virtude dos ditos Breves se extrahirão, sinco pasadas por Hieronimo Marcheto, publico Notario Apostolico na Curia Romana, a primeira em 20 de Junho 1611; e as 4 em 26 de Fevereiro = 3 de Março = 13 de Abril; e o primeiro de Nuvembro de 1612 todas justificadas pelos conservadores da Camara da Curia Romana por subscrição de Fabricio Valato Secretario do dito Tribunal, e con selo pendente das Armas do Senado Romano, reconhecidas nesta Corte de Lixboa por Setimio Pace Notario Apostolico e Imperial, escrivão da Legacia: aos 28 de Junho de 1613. E a outra paçada por Alexandre Seranelino Notario Romano aos 11 de Setembro de 1611 justificada, e reconhecida como as 5 asima; O mesmo Septimo Pace, foi Notario dos dous instrumentos de exame, e aprovação ordinaria que por comição do Ilustrissimo D. Miguel de Castro Arcebispo de Lixboa fizeram nas Sanctas Reliquias o Doutor João Saraiva Provizor: O Doutor Francisco de Sa Dezembargador = e Antonio Carvalho Archipeste, dentro neste Convento do Carmo de Lixboa em 5 de Julho de 1613.» In, PEREIRA, Célia Nunes, *Ibidem*, vol. I, Lisboa, 2016, p.

parte do que sobreviveu ao terramoto de 1755, já foi tratada ou pelo menos referida por nós em 2010¹⁹ e publicada em 2016²⁰. Contudo, a riqueza alusiva à *Província do Carmo*, não deixa de nos surpreender a cada novo maço ou manuscrito que folheamos e a informação colhida têm vindo a avolumar-se de tal modo que em breve lhe daremos lugar num estudo autónomo, como já pudemos referir no introito.

Voltando a citar o frei Manuel de Sá, damos nota do transcrito²¹ *Catalogo das Sanctas Reliquias que se Venerão nos Sanctuarios deste Convento*:

«Chegados que forão os Padres a Lixboa, e as Santas Reliquias se rezolverão os Religiozos fazerem huma procição em Acção de Graças a Deus Senhor Nosso, pelo bom sucesso que tinham tido na confirmação dos indultos da Bula Sabatina, e ajustando que seria no dia 16 de Julho do mesmo ano [1613], dia que se solemnizava Nossa Santissima Mai Senhora do Carmo, se dispuzerão a fazer o que era nessessario, e querendo que as Santas Reliquias, viessem na mesma procição, mandarão logo fazer para humas (*sic.*) meios-corpos, para outras braços, custodias e piramides, tudo dourado, e estufado, com excelente primor; e disposto tudo, chegado o dia determinado, cantadas no dia antesedente vesporas, e no dia missa, com sermão, tudo com toda a solemnidade, na tarde se fes a procição»²². Esta celebração «(...) foi pelas pessoas de bom gosto, avaliada por huma das melhores que se tinham feito, assim pela boa eleição, e ordem dela, como pelo priciozo das joias, que só as de does andores forão avaliadas pelos ourives, em cem mil cruzados (...)»²³ Esta palavras autenticam a vida abastada e distinta que se vivia neste complexo religioso, contagiando toda a cidade no âmbito das suas comemorações. Para acolher as ditas relíquias, a «(...) capela-mor, em o ano de 1689 o Muito Reverendo Padre Mestre Frei João Baupista Rofino a pos na perfeição que hoje se ve, assim das pinturas do teto, como do arco de talha, e os santuarios metidos na parede em

19. Idem, *A arte na Igreja de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755) – contributos para o seu estudo cripto-histórico*, Vol. I e II, tese de mestrado em Arte Património e Teoria Restauro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010.

20. Idem, *Op. cit.*, vol. I, Lisboa, 2016.

21. Idem, *Op. cit.*, vol. I, Lisboa, 2016, pp. 174-182.

22. Idem, *Op. cit.*, vol. I, Lisboa, 2016, p. 172.

23. Idem, *Op. cit.*, vol. I, Lisboa, 2016, p. 173.

nichos em que estão as reliquias de varios Santos (...).»²⁴ Para cumprimento desta e de outras festividades, realização de obras, encomendas artísticas, subsistência e prosperidade da comunidade religiosa, muito contribuíram as tais ditas mercês (monetárias, terratenentes, artísticas, etc) e privilégios que os *Serenissimos Reis e Principes*²⁵ fizeram a este convento e sua igreja, entre as quais destacamos:

«O Senhor Rei D. Duarte por carta de 21 de Dezembro de 1433 feita em Almeirim por Rodrigo Afonço, libertou os foreiros que este Convento tem em o Reguengo de Sacavem, de serem obrigados a pagar para o Conselho, e das mais pusturas dele. (...)

No mesmo dia e Ano deo privilegio para se não poderem tomar por apozentadoria, as cazas que tinham ficado do Conde Santo, em Vila Nova de Gibraltar, junto a sinagoga grande, que são agora junto da Igreja da Conceição Velha. (...)

Nos (...) Paços de Almeirim em 22 de Dezembro do mesmo ano de 1433 se fes o mesmo senhor Padroeiro deste Convento por carta feita pelo mesmo Rodrigo Afonço.

O Senhor Rei D. Afonço 5º se fes tambem Padroeiro deste Convento, confirmando a carta de seu pai por outra de 26 de Agosto de 1439 feita em Camarate (...) O mesmo deo licença aos Marquezes de Valença, do Minho e de Vila Viçosa, D. Fernando, e D. Afonço, para poderem comprar fazenda que rendesse des moios de trigo, e des pipas de vinho para este Convento em bens de rais.

Entre os bens que o senhor Condestavel deixou a este Convento forão os Moinhos de Corroios, e porque estes se aforarão, e ouve perjuizo no tal aforamento o Pontifice Julio 2º em 8 de Outubro de 1506 quarto ano de seu Pontificado, passou hum Breve para que se não podessem aforar. (...) O Senhor Rei D. João o 3º (...) deo ao Padre Mestre Frei Baltazar Limpo sendo Prelado grandiozas esmolos, para as obras que fes neste Convento nos anos de 1526 e 527. (...) No ano de 1553 trouche de Roma a este Reino o Padre Frei Pedro Escudeiro a Bula Sabatina.

O Senhor Rei D. Sebastião deo ao Padre Mestre Frei Pedro Brandão Bispo que foi de Cabo Verde para as obras que fazia neste Convento 346 mil e 500 reis.

24. Idem, *Op. cit.*, vol. I, Lisboa, 2016, p. 173.

25. Idem, *Op. cit.*, vol. I, Lisboa, 2016, pp. 168-172.

A Serenissima Rainha de Inglaterra D. Catharina a primeira ves que sahio fora nesta cidade, depois de vir daquele Reino veio a este Convento, e deo de esmola ao Santo Christo cem moedas de ouro, inglesas, que reduzidas a nossa, emportarão trezentos e quarenta mil reis com que se fizeram quootro castiças que estão no mesmo altar, e tem as suas Armas. O Senhor Rei D. João o 5º nosso senhor deo a Nossa Senhora do Carmo da capela-mor, hum maravilhozo vestido, completo de habito, e capa, tudo de excelente tussum, cabeleira, camiza, fitas, e tudo o mais nessessario.»²⁶

As estas informações junta-se também a listagem das sepulturas e capelas que o frei Manuel de Sá colige no seu manuscrito²⁷, através da qual percebemos o quão ilustres eram os proprietários dos sepulcros e criptas que preenchiam as naves e capelas da antiga igreja e seu convento, este último mais reservado aos frades e aos irmãos terceiros. Testemunhos que nos permitem alargar a conjectura das avultadas doações que estavam ligadas a estas famílias e irmandades. Entre estes testemunhos, também vamos tendo algumas escassas notícias sobre algumas das obras que foram sendo feitas na área da arquitectura, sobretudo na parte conventual como já identificámos²⁸. Numa nota de frei Manuel de Sá, é indicado que «Em 31 de Agosto de 1611 concedeo a Magestade de Felipe o 2º para este Reino, que este Convento podesse obrigar os carreiros, e ribeirinhos, para trazerem cal, e area para o Convento, aos carpinteirnos pedreiros, e cabouqueiros, para trabalharem na obra dele por Alvará feito por Sebastião Pereira.»²⁹ Porém estas obras ou pequenas e médias alterações das estruturas pré-existentes, foram sempre feitas no sentido de realizar algumas melhorias necessárias, para o conforto e expansão dos múltiplos officios quotidianos, como é o caso do referido alargamento da sacristia gótica, em plena época maneirista – sendo-lhe acrescentado um corpo adjacente, como se vê na gravura de F. Debrrie (fig. 1) que não sabemos se foi coeva dessa ampliação – ou a instalação da sala do capitulo na zona do conventual, cuja entrada se faz por um portal renascen-

26. Idem, *Op. cit.*, vol. I, Lisboa, 2016, p. 174.

27. Idem, *Op. cit.*, vol. I, Lisboa, 2016, pp. 137-167.

28. Idem, *Op. cit.*, vol. I, Lisboa, 2016, pp. 71-78.

29. Idem, *Op. cit.* vol. I, Lisboa, 2016, pp. 171-172.

tista que ainda se encontra no mesmo lugar. Nota-se claramente que o objectivo era cuidar e enriquecer o interior da grande casa que o seu benfeitor tinha construído, não só como uma herança deixa à comunidade carmelita, mas também como um legado deixado à cidade de Lisboa, um memorial perpétuo de si mesmo, oferecido à História de Portugal. Assim, a maior doação que conseguimos perceber como factor de manutenção, suporte e conservação dentro deste vasto legado, é sem dúvida a memória que o dito condestável cria sobre si, e do cariz que vinca na sua crónica, deixando escrito para a posteridade todos os seus feitos, que o elevam de jovem guerreiro a herói da nação, numa primeira fase. À qual se segue a de um adulto estratega e empreendedor no campo social e geopolítico, sabendo de forma astuta, criar relações de sangue com a monarquia e mais alta nobreza ligadas à Casa de Bragança, terminando com um suposto despojar dos seus bens terrenos, para se dedicar à vida religiosa no seio do abastado convento que soube mandar erguer (sem olhar a custos), à imagem do Mosteiro que o seu protector D. João I, mandou construir na Batalha.

Não há registo de outra figura histórica que tenha granjeado de tais façanhas numa só vida, correspondam estas totalmente à realidade ou não. A aura que se criou em torno de D. Nuno Álvares Pereira, foi alimentada ao longo das centúrias seguintes pelos seus devotos seguidores, como uma espécie de escudo protector ou invocação.

4. UM PROJECTO ARQUITECTÓNICO IMORTAL: UM LEGADO ENTRE A RECONSTRUÇÃO E O RESTAURO

Foi no âmbito dos danos causados pelo terramoto de 1755, que a estrutura arquitectónica recebeu algumas modificações que se mantêm até hoje, havendo sempre a preocupação de reerguer a obra de D. Nuno Álvares Pereira, à semelhança do que ela era antes do cataclisma³⁰. Em relação ao edifício fundado em 1389, mantiveram-se erguidas: a fachada ocidental, que inclui o portal gótico (fig. 2), as capelas absidiais (fig. 3) e a sacristia (fig. 4). Em relação à capela-mor e transepto, os seus tectos colapsaram (mas ambos mantiveram a sua estrutura e acessos), à semelhança do que aconteceu com a cobertura das

naves laterais e central e boa parte das paredes norte e sul da antiga igreja.

Supõem-se que o facto das quatro capelas absidiais e sacristia terem sobrevivido, àquele que ainda é considerado um dos abalos sísmicos mais violentos de que há memória na Europa, se deve ao facto de toda a zona da cabeceira ter sido executada em blocos de pedra maciça, quando se avançou para a terceira tentativa de construção da igreja³¹: «(...) lavradas as pedras na fôrma, que pareceo conveniente, e bem disposto o mais que necessário foy para o intento (...) logo com estes bons officiaes empeçou o Conde a sua obra a terceira vez pela parte do valle [actual zona do Rossio], e nom quis levar os fundamentos direitos a fundo, por assim lho vertificarem os Mestres, mas para mais fortificação³², acordaraõ que fossem inviazados com seus degraos; e que empeçassem hum bom salto a traz do valle (hoje chamado Valverde) para que nom só tivessem a terra, que nom corresse, mas que quando as paredes fossem erguidas, nom lhe podesse a terra fazer alguma rapazia»³³.

Na década de 90 do século XX, as obras feitas para alargamento dos provadores na loja da estilista Ana Salazar, sita então na Rua do Carmo, embora não tragam boas memórias devido aos danos causados na zona da capela-mor carmelita, permitiram observar que o embasamento em pedra calcária, desce ao longo de toda a colina, como se pode ver na fotografia (fig. 5) em baixo, o que terá dado sustentabilidade e resistência à toda a zona da cabeceira da igreja, permitindo que esta não desabasse durante o cataclisma de 1755.

No âmbito da reconstrução, iniciada em 1756, com uma mão-de-obra que desconhecemos, mas cujo *superintendente* foi o frei carmelita Patrício José, nomeado *pela experiência que tem*³⁴, a primeira zona a ser reedificada foi a abóbada da capela-mor (em abóbada de tijoleira, decerto por ser francamente mais fácil de trabalhar, e por ser um material mais leve e

30. Idem, *Op. cit.*, 2016, Lisboa, pp.81-82; PEREIRA, Paulo, *Op. cit.*, Lisboa, 2005, p. 36.

31. SANTANA, José Pereira de, *Chronicas dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia nos Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios*, Tomos I e II, 1745, p.

32. Sobre a importância de se erguer uma estrutura forte, na mentalidade medieval, Cfr. PEREIRA, Paulo, *Op. cit.*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1989, p.100

33. SANTANA, Frei José Pereira de, *Op. cit.*, vol.1, Lisboa, 1745, p. 347.

34. SEQUEIRA, Gustavo Matos, *O Carmo de a Trindade*, Lisboa, Vol.3, s.d., p. 73.

abundante), seguindo-se as obras que foram feitas na zona dos remates superiores das paredes laterais do transepto e do portal ocidental, analisando-se através dos negativos da antiga abóbada, que o seu arranque construído na época medieval era um pouco mais baixo (fig. 6). Presumivelmente, estes trabalhos terão sido contemporâneos tanto das colunas quadrangulares, compostas por cinco fustes lisos, rematados por capiteis de evocação coríntia com caneluras, que se refizeram ao longo das naves (fig. 7), como do lançamento dos novos arcos que subsistem até hoje, e onde se observam alguns vestígios do arranque de uma das abóbadas que nunca chegou a ser lançada (fig. 8) a sul.

Esta empreitada adivinha-se difícil e morosa, tendo-se certamente estendido até à extinção das ordens religiosas em Portugal, no ano de 1834, pois em Maio desse ano já os seus bens conventuais tinham sido arrolados³⁵. Após este trágico acontecimento, ao qual já se haviam somado as consequências das invasões francesas e das guerras liberais, a igreja é votada ao abandono e é reutilizada como vazadouro de entulhos, cavalaria e estrumeira da Guarda Real da Polícia, que já se encontrava instalada na antiga zona conventual: «o Estado tomou posse das dependências onde estivera o corpo da polícia para nelas instalar um batalhão da Guarda Nacional.»³⁶ Foi precisamente nesta altura que «as obras começaram (...) no edifício da clausura, determinadas e dirigidas pela Repartição de Obras Públicas, para adaptar a parte do vasto casarão ao Tribunal do Juízo de Direito do 3º Distrito. Enquanto o Tribunal funcionava no Refeitório e nas casas «De Profundis» do Convento (...), no templo inacabado, poetizado pelos arcos cortando a atmosfera, funcionava...uma estância de madeiras. (...) desde então (...) o edifício, pouco a pouco, mercê de sucessivas obras e reformas, foi perdendo o ar conventual. Rasgaram-se casernas, substituíram-se os velhos azulejos. A grande obra que modificou mais o velho edifício fez-se em 1902».³⁷ A 23 de Abril de

1845, aí se instalou o Quartel-general e a Secretaria da Guarda que estavam sediados na Rua de S. José.

Em 1863 Joaquim Possidónio da Silva funda na ruína do extinto templo a sede da *Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses*³⁸ (mais tarde, com nomenclatura alterada para *Associação dos Arqueólogos Portugueses* (AAP), após os architectos terem criada uma instituição independente), que a par das suas iniciativas intelectuais, de ensino e profissionais na área da arqueologia e da arquitectura, começa juntamente com o seu corpo de associados, uma longa demanda em torno da salvaguarda e preservação do património português, emitindo pareceres na área da sua protecção e acolhendo bens patrimoniais que estavam em risco de destruição ou abandono, cujo “aglomerado” acabou por dar origem à criação do Museu Arqueológico do Carmo (MAC) em 1864³⁹.

A fundação da AAP e do MAC contribuíram em larga escala para a preservação do edificado⁴⁰ e sua requalificação nos últimos (quase) 160 anos. Um dos projectos mais notáveis e ambiciosos de que há memória no campo da sua requalificação, data ainda do século XIX, e visava converter a estrutura da igreja em salão de exposições de gosto parisiense. Existe ainda um outro da autoria do architecto Cassiano Branco (fig. 9)⁴¹, muito típico dos critérios de renovação dos edifícios na época Estado Novo, dentro da temática de “exaltação dos heróis”. E foi dentro destas preocupações que nos anos 40 do século XX, o edifício, o MAC e a sua colecção foram alvo da sua primeira grande remodelação, com normas de estruturação e planos de conservação e restauro, cujo teor trataremos oportunamente em breve. Ainda no âmbito da conservação e restauro, bem como do estudo das suas componentes arquitectónicas, do ponto de vista da arqueologia de estruturas, foi a empreitada que surgiu entre os anos de 1995 e 2001

35. *Autos de Inventário dos objectos pertencentes ao Culto Religioso da Igreja do Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo Calçado deste Cidade, pela Junta do Exame do Estado actual, e melhoramento temporal das Ordens Regulares, encarregada da Reforma geral Ecclesiástica*. Cfr. ANTT – Convento de Nossa Senhora do Carmo. *Autos d’Inventários* – Arquivo Histórico do Ministério das Finanças. Caixa 2230.

36. SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *Op cit*, vol. 3, p. 82.

37. SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *Ibidem*, vol. 3, p. 82.

38. ARNAUD, José, *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, AAP/MAC, Lisboa, 2013.

39. MARTINS, Ana Cristina, «Museu Arqueológico do Carmo: Celebração da Memória», in *Op. cit.*, ARNAUD, José, FERNANDES, Carla Varela (Coord.), AAP/MAC, Lisboa, 2005, pp. 41-93.

40. ANTT, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Ministério do Reino, *Plantas*, Cx.5277, IV/C/121 (17). Idem, *Ibidem*, p. 71.

41. Arquivo Municipal de Lisboa – II – R.E. 29 / Cassiano Branco / Documentação técnico-científica / Estudos para o Rossio e seu enquadramento/ CBO00008.

que trouxe a este complexo vivo, uma remodelação multidisciplinar, consciente e integrada⁴², tanto na área da conservação e restauro, como nos campos das exposições⁴³, museologia e da museografia.

Assim se iniciou uma viragem na história desta associação e museu que têm vindo a procurar estudar, conhecer, valorizar e preservar da melhor forma possível este conjunto patrimonial, não apenas através de projectos de conservação e restauro faseados (2000-2001⁴⁴; 2007⁴⁵; 2012-2013⁴⁶; 2017-2018⁴⁷; 2019⁴⁸; 2022-2023⁴⁹), mas também através de projectos de investigação com outras universidades e institutos ligados à preservação de monumentos, como aconteceu com a Universidade do Minho em parceria com o Spanish National Research Council, a Polytechnic University of Madrid, e o Italian National Research Council, que no âmbito do programa *Europa Criativa*, criaram o projecto HERITAGE – HWITHIN⁵⁰. Este baseou-se no levantamento histórico-artístico⁵¹, efectuado por nós em 2010, permitindo criar uma proposta de recriação a igreja do carmo em 3D, acessível a todos os visitantes através da leitura de um qr-code. O seu lançamento decorreu no MAC em dezembro 2021, após 2 anos de trabalho intenso e multidisciplinar, com a finalidade de transmitir ao público que visita este monumento, como seria esta obra de arte total antes do terramoto de 1755. Ou ainda o projecto de conservação e restauro que está a decorrer desde Outubro de 2022 na

zona do transepto da antiga igreja, visando o seu reforço, que tem vindo a igualmente a contar com uma equipa de especialistas multifacetada, composta por conservadores-restauradores, arquitectos, artesãos e engenheiros de diferentes áreas, entre os quais se destaca a equipa de engenharia do Instituto de Construção da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, que tem vindo a desenvolver aqui, um projecto pioneiro na área da engenharia de reforço de estruturas. A informação e debate produzido por estes grupos de trabalho é um verdadeiro privilégio para se avançar no conhecimento deste monumento, permitindo a sua leitura do geral para o particular, possibilitando-nos elaborar um novo mapeamento “arqueológico” vertical de todas as intervenções efectuadas no seu esqueleto de pedra, mesmo aquelas que estavam desvanecidas, encobertas por outras camadas, ou pelas crostas do tempo.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

Fontes

ANTT, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Ministério do Reino, *Plantas*, Cx.5277, IV/C/121 (17).

ANNT, *Autos de Inventário dos objectos pertencentes ao Culto Religioso da Igreja do Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo Calçado deste Cidade, pela Junta do Exame do Estado actual, e melhoramento temporal das Ordens Regulares, encarregada da Reformma geral Ecclesiástica*. Cfr. ANTT – Convento de Nossa Senhora do Carmo. *Autos d’Inventários* – Arquivo Histórico do Ministério das Finanças. Caixa 2230.

Arquivo Municipal de Lisboa – II – R.E. 29 / Cassiano Branco / Documentação técnico-científica / Estudos para o Rossio e seu enquadramento / CBooooo08.

Coronica do Condeftabre de Portugal: Principiador da Cafa q[ue] agora he do Duque de Braga[n]ça sem mudar da antiguidade de fuas palauras nem fstilo. E Deste Condeftabre procedem agora o Emperadorr em todosos Reynos (...), Lisboa, 1526.

SÁ, Frei Manuel de (1721) – *Noticias do Real Conv[en]to do Carmo de L[i]x[bo]a Occid[ent]al [Manuscrito] / extraídas de vários livros impressos, e Manuscritos, reduzida a forma histórica pello prezento Fr. M[anu]el de Sa.*

SANTA ANA, Frei José Pereira de (1745) – *Chronicas dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia nos Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios*, Tomos I e II.

Estudos

ARNAUD, José, Carla Varela Fernandes (coord.) (2005) – *Construindo a Memória, Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

42. ARNAUD, José, FERNANDES, Carla Varela (Coord.), *Op. Cit*, Lisboa, 2005, pp. 601-639.

43. IDEM, PEREIRA, Célia Nunes (Coord.), *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*, MAC/AAP, Lisboa, 2019.

44. Idem, *Ibidem*, Lisboa, 2005, pp. 601-639.

45. Restauro do Sarcófago Egípcio.

46. Intervenção de conservação e restauro na parede lateral sul.

47. Intervenção de conservação e restauro na parede lateral norte.

48. Intervenção de conservação e restauro do portal ocidental e fachada.

49. Intervenção de conservação e restauro na zona do transepto e requalificação na estrutura dos arcos ogivais existentes nessa área.

50. <https://iptc.upm.es/heritage-within-hwithin>; <https://hwithin.civil.uminho.pt/>.

51. PEREIRA, Célia Nunes, *Op. cit*, Lisboa, 2016.

ARNAUD, José (2013) – *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, AAP/MAC, Lisboa.

BAYON, Velasco Balbino (2001) – *A História da Ordem do Carmo em Portugal*, Lisboa.

PEREIRA, Paulo (1988) – «O Portal Renascentista da Sala do 'Capitulu Novo' do Convento do Carmo», *Revista Municipal*, nº25, 3º trimestre de 1988.

Idem (1989) – «A Igreja e Convento do Carmo: do gótico ao revivalismo», *Sep. das actas do Colóquio Comemoração dos 600 anos da Fundação do Convento do Carmo de Lisboa*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

Idem (2005) – «A Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo», in *Construindo a Memória, Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*, José Arnaud, Carla Varela Fernandes (coord.), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 2005 *Arqueológico do Carmo*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

PEREIRA, Célia Nunes (2010) – *A arte na Igreja de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755) – contributos para o seu estudo cripto-histórico*, Vol. I e II, tese de mestrado em Arte Património e Teoria Restauro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Idem (2016) – *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)*, vols. I e II, Associação dos Arqueólogos Portugueses / Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa.

Idem (2019) – ARNAUD, José, *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*, MAC/AAP, Lisboa.

MARTINS, Ana Cristina (2005) – «Museu Arqueológico do Carmo: Celebração da Memória», in *Construindo a Memória, Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*, José Arnaud, Carla Varela Fernandes (coord.), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

SEQUEIRA, Gustavo Matos (1939) – *O Carmo e a Trindade*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa (3 vols.).

Sites

<https://iptc.upm.es/heritage-within-hwithin;>

[https://hwithin.civil.uminho.pt/;](https://hwithin.civil.uminho.pt/)



Figura 1 – Igreja e Convento do Carmo de Lisboa. Gravura de F. Debrie, 1745.



Figura 2 – Fachada ocidental e portal de entrada da Igreja do Carmo de Lisboa. Fotografia: Célia Nunes Pereira, 2023.



Figura 3 – Capelas absidiais (sul) da Igreja do Carmo de Lisboa. Fotografia: Célia Nunes Pereira, 2023.



Figura 4 – Sacristia da Igreja do Carmo de Lisboa. Fotografia: Célia Nunes Pereira, 2023.



Figura 5 – Loja da estilista Ana Salazar na Rua do Carmo em 1988. Fotografia: Revista Contemporânea.



Figura 6 – Vestígios das antigas abóbadas da nave norte da Igreja do Carmo de Lisboa. Fotografia: Célia Nunes Pereira, 2023.



Figura 7 – Naves e colunas Igreja do Carmo de Lisboa, pós-terramoto de 1755. Fotografia: Célia Nunes Pereira, 2023.



Figura 8 – Vestígios do arranque de uma das abóbadas que não chegou a ser lançada. Séc. XVIII (?). Fotografia: Natacha Ribeiro, 2023.



Figura 9 – Estudos para o Rossio e seu enquadramento. Cassiano Branco. Fotografia: Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, 1967.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**